

6CCADZPEX01**CONSCIENTIZAÇÃO DOS CRIADORES DE SUÍNO DO MUNICÍPIO DE ALAGOINHA-PB
SOBRE COMO REALIZAR UM MANEJO ADEQUADO DA CRIAÇÃO**

Adriano Leite da Silva (1); Gledysson Bruno Vieira Lobato (2); Ludmila da Paz Gomes (3)
Centro de Ciências Agrárias/Departamento de Zootecnia/Probex

RESUMO

O trabalho teve por objetivo fazer uma avaliação da suinocultura no município de Alagoinha, localizado no interior da Paraíba, Brasil. Constatou-se a predominância da agricultura familiar nas unidades de produção, pois são compostas por propriedades com uma média de 9,474 hectares e 79,62% dos produtores plantam milho, 66,66% plantam feijão e 57,4% plantam macaxeira, sendo que cerca de 90% é para o próprio consumo. Em cada unidade trabalha em média 2,18 pessoas, sendo a média de homens adultos de 1,05, apenas para 16,66% dos criadores a suinocultura é a atividade principal. As unidades apresentam em média 7,9 animais, sendo que a maior média encontrada 3,7 foi de animais em crescimento, pois compram seus animais ainda leitões para venderem assim que eles alcançarem a fase de terminação, em 77,78% há apenas uma única instalação. Das unidades 81,48% adquirem a alimentação dos animais fora da propriedade, sendo que em 81,48% é fornecido farelo de trigo junto com restos de comida (lavagem), em 79,72% delas os dejetos são despejados diretamente no solo sem nenhum tratamento prévio, o que ocorre por causa da falta de saneamento no meio rural. Com isso verificou-se a importância da conscientização dos produtores para a adoção de um manejo mais adequado dos sistemas de produção.

Palavras-chave: suíno, manejo adequado, conscientização.

INTRODUÇÃO

Em 2006 o Brasil ficou em quarto lugar na lista dos maiores produtores e exportadores de carne suína do mundo ficando atrás apenas de países como Estados Unidos, China, União Européia e Canadá, sendo também considerado o sexto maior consumidor (ABIEPCS, 2006). Porém essa posição da suinocultura brasileira no mercado mundial não reflete a verdadeira imagem da maioria dos criadores nacionais, pois no Brasil ela é uma atividade geralmente desempenhada em pequenas propriedades, sendo que na maior parte delas toda a mão-de-obra empregada na produção é predominantemente familiar, estes altos índices de produção são evidenciados apenas por uma pequena parte de grandes produtores localizados em sua maior parte na região sul e sudeste do país (PERDOMO et al, 2008).

Nessas pequenas propriedades os suínos são criados em alguns casos obedecendo ainda a métodos arcaicos e culturais de criação, o que explica os baixos índices de

⁽¹⁾ Bolsista, ⁽²⁾ Voluntário/colaborador, ⁽³⁾ Orientador/Coordenador ⁽⁴⁾ Prof. colaborador, ⁽⁵⁾ Técnico colaborador.

produtividade. Os animais criados há algumas décadas atrás possuíam uma baixa carga de material genético e um alto grau de produção de gordura, com o passar dos anos foram introduzidos no Brasil alguns animais que apresentavam um melhor desenvolvimento de carcaça, com isso alguns produtores descartaram os animais nativos e passaram a criar apenas os exóticos. Ainda assim, houve aqueles que continuaram criando os nativos e realizando cruzamentos com os exóticos, alguns criadores realizaram cruzamentos indiscriminadamente gerando exemplares com novas características.

A região Nordeste apresenta um rebanho suíno de 3.945.725 cabeças, bastante pequeno se comparado ao rebanho nacional que é de 31.949.106 cabeças, o que pode ser justificado por vários fatores (IBGE, 2008). Essa região sofre grandes dificuldades na agricultura por causa da baixa incidência de chuvas, o que diminui a produção e qualidade da alimentação fornecida aos animais, com isso boa parte dos alimentos são importados de outras regiões, o que encarece bastante os custos de produção, chegando a alguns casos a tornar a atividade inviável. Os criadores que não têm condições de comprar os alimentos terminam por utilizar alimentos alternativos, muito dos quais de baixos valores nutricionais, como restos de culturas e restos de alimentação humana, esta última vulgarmente chamada de “lavagem”, muitas vezes sem realizar nenhum pré-tratamento. Há também a questão cultural de se criar o suíno em instalações precárias, às vezes até solto ou “dentro da lama” ao invés de investir em instalações adequadas que ofereçam o conforto suficiente, para que o animal tenha plenas condições de atingir o seu máximo potencial produtivo.

Outro fator que se destaca na pequena expressão da suinocultura nordestina, é que grande parte dos suinocultores têm a suinocultura como uma segunda ou até mesmo terceira fonte de renda, o que explica de certa forma a relutância de investimentos na área. Muitos a vêem como uma forma de “poupança”, onde aplicam certa quantia conseguida através de aposentadoria, pagamento por serviços ou até mesmo a venda de um próprio bem, esperando assim receber de volta não só o dinheiro aplicado, mas algum lucro também. Desta maneira eles esperam receber o máximo com o menor gasto possível, considerando desta forma qualquer investimento como uma despesa. E como quase que sua totalidade é composta por pessoas de baixa renda com pequeno poder aquisitivo, isso termina inviabilizando várias melhorias que poderiam ser aplicadas no setor de produção. Pois para realizá-las, o pequeno produtor teria que de certa forma desviar o capital destinado a um bem vital para sua própria manutenção, o que comprometeria a qualidade de vida de sua família.

Um dos grandes empecilhos para o aumento do consumo da carne suína é de responsabilidade do próprio produtor, como é caso do manejo sanitário utilizado por ele. Durante muitos se criou a imagem de que o “porco” é um animal sujo e meio de transmissão de várias doenças, fazendo com que houvesse rejeição de sua carne por parte de alguns consumidores. Isso se deu por causa do atraso tecnológico sofrido por uma fração significativa de pequenos suinocultores, ou por falta de conhecimentos ou por falta de recursos suficientes para tecnificar a produção. Desta forma os animais vêm sendo criados em ambientes com

higienização inadequada e sem a realização de um manejo de sanidade animal eficiente ou até ausência do mesmo, tornando-os susceptíveis a várias enfermidades, algumas delas até transferidas para o ser humano, o que deixa a sua imagem denegrida perante o público consumidor.

Atualmente, a produção de dejetos (fezes e urina) na criação de suínos chega a ser um problema para o criador, pois normalmente o mesmo não possui um planejamento visando um destino adequado para os dejetos. Com o crescimento da atividade nos últimos anos, quantidades cada vez maiores de dejetos vão sendo eliminadas e na maioria dos casos, os dejetos são despejados diretamente no solo, sem a realização de nenhum tratamento prévio, com o passar do tempo o solo foi diminuindo a sua capacidade de absorvê-los contaminando a si próprio e aos leitos de água adjacentes (PERDOMO et al, 2008). O que é extremamente indesejável para a saúde pública, pois a água contaminada pode servir como meio de contágio de vários parasitas, que podem vir a infestar o ser humano se ele beber desta água ou consumir alimentos frescos que foram irrigados por ela. Portanto, é indispensável que se tenha bastante cuidado com a destinação dada aos dejetos.

Em função da situação vivida pelos criadores de suíno no Brasil, assim como também no Nordeste, este trabalho teve o objetivo de fazer um levantamento atual da situação da suinocultura no município de Alagoinha, situado no interior da Paraíba. Para que de posse dos dados coletados proceda-se uma análise da situação atual de cada produtor e para que possam ser elaboradas medidas sócio-educativas visando à melhoria dos sistemas de produção.

DESCRIÇÃO

O referido projeto foi realizado no município de Alagoinha, localizado na microrregião de Guarabira, no interior da Paraíba, Brasil, apresentando a mesma uma população de 13.025 habitantes e uma extensão territorial de 85 km². Ele foi efetuado na tentativa de suprir uma carência, dos produtores de suíno do município, por novas tecnologias capazes de aumentar e melhorar a qualidade da produção.

O trabalho foi subdividido em três etapas principais:

- Sendo que a primeira foi identificar, visitar e aplicar o questionário para conhecer a realidade dos produtores;
- A segunda consistiu em desenvolver maneiras para corrigir os problemas detectados e buscar parcerias;
- A terceira e última foi demonstrar e capacitar os criadores, tornando-os aptos a desenvolverem boas práticas de manejo dos animais.

Sempre buscando um equilíbrio entre a produção e o meio ambiente, para que o produtor seja beneficiado se que haja detrimento do ecossistema.

METODOLOGIA

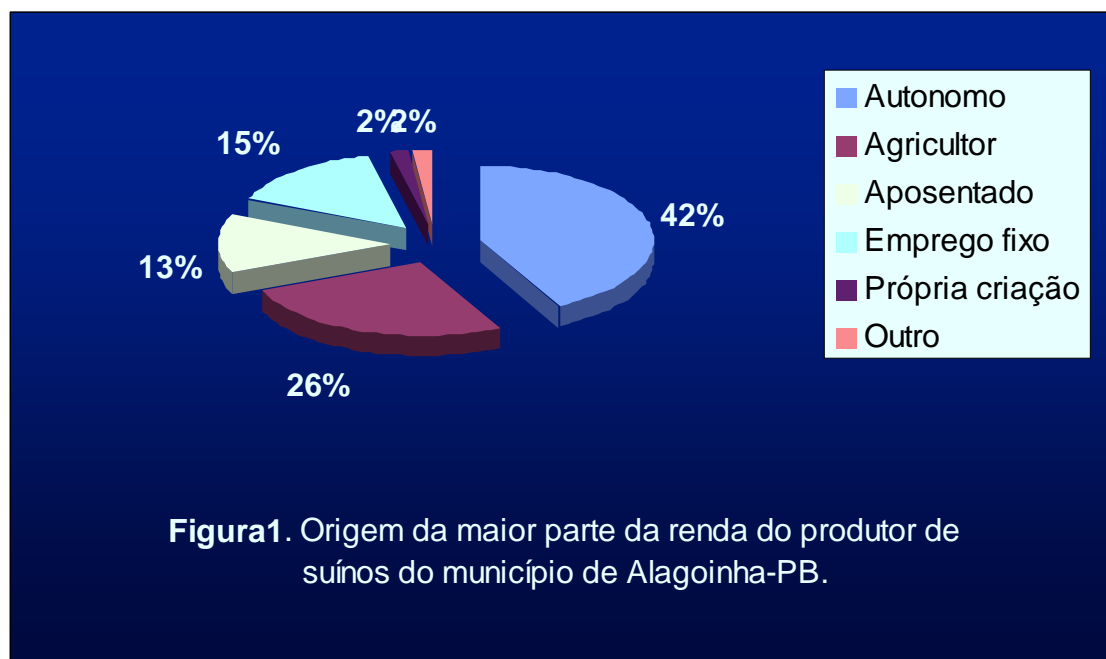
As atividades foram desenvolvidas através da visita *in loco* de 45 produtores, distribuídos em diferentes localidades do município de Alagoinha - PB. Na ocasião foi aplicado um questionário com o produtor, no intuito de se obter informações a respeito sistema de produção como: atividade econômica principal, destino da produção, tamanho da propriedade, manejo utilizado, alimentação fornecida, fiscalização e assistência técnica.

Após as visitas, foi feita uma análise da situação dos produtores, frizando bem os pontos fracos e os pontos fortes de cada produtor. Com isso foi confeccionado um material auto-explicativo com sugestões de manejo da criação, visando à melhoria dos sistemas de produção. Também foram realizadas palestras com os produtores para facilitar o entendimento do material e conscientizá-los das muitas vantagens em si utilizar um manejo da criação adequado.

As variáveis qualitativas foram avaliadas aplicando a distribuição de frequência, enquanto que para as variáveis quantitativas utilizou-se a estatística descritiva.

RESULTADOS

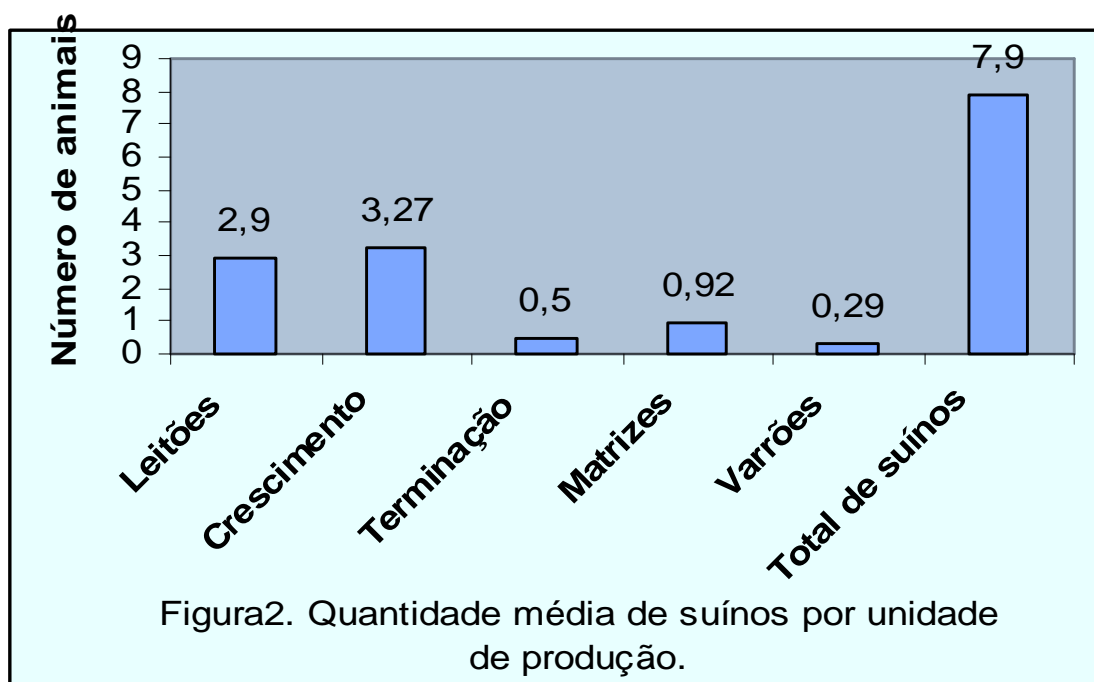
Foi constatado que 96,3% dos produtores são proprietários do imóvel, sendo que a idade média dos produtores é de 43 anos e criam suínos a uma média de 9,28 anos, as propriedades apresentam um tamanho médio de 9,474 hectares, 25,92% dos produtores dependem exclusivamente da agricultura e da pecuária e 42,59% desempenham ainda outras atividades, 79,62% dos produtores plantam milho e destes 90,69% plantam para o consumo próprio, 66,66% plantam feijão sendo que 94,44% deles plantam para o seu consumo próprio, 57,4% plantam macaxeira e 90,32% para próprio consumo, o que caracteriza a produção familiar, pois sua maioria é composta por pequenas unidades agrícolas com uma produção de subsistência, desta forma a produção de suínos é de grande importância para o equilíbrio da renda familiar.



A média de pessoas que trabalham na criação de suínos por propriedade é de 2,18, sendo que a média de mulheres adultas que trabalham na criação é de 0,85, a média de crianças é de 0,31 e a média de homens adultos é de 1,05, para 46,29% dos produtores os suínos estão em terceiro plano e apenas para 16,66% eles estão em primeiro plano. Entre os criadores 9,25% matam e vendem a carne dos próprios animais (conhecidos popularmente como marchantes).

O número médio de leitões por propriedade foi de 2,9 sendo que 24,07% dos produtores os vendem ainda nessa fase, a média de suínos em terminação é de 0,5 por criador sendo que 74,07% são vendidos, já a quantidade média de animais em crescimento é de 3,27. Isso se deve ao fato de o número de leitões por parição girar em torno de doze e os animais na grande maioria dos casos são adquiridos ainda leitões, e quando chegam ao período de terminação em pouco tempo são abatidos.

A quantidade média de matrizes das unidades de produção é de 0,92 e de varrões (reprodutores machos) é de 0,29, pois grande parte dos criadores monta sua criação adquirindo os animais ainda na fase leitão, sendo assim não necessitam de reprodutores, a média de suínos total das propriedades é de 7,9 animais por criação.



Os alimentos utilizados na alimentação dos animais 81,48% são adquiridos fora da propriedade, o alimento mais empregado pelos criadores é o farelo de trigo junto com a lavagem, que são utilizados por 81,48% dos produtores, podendo ainda ser misturado outro alimento qualquer. Em 96,29% das unidades de produção não ocorre tratamento dos dejetos e 79,62% delas despejam os dejetos diretamente no solo, na zona rural isso ocorre pela falta de saneamento básico e pelo desconhecimento do produtor de técnicas para tratamento e reutilização dos dejetos, o que pode ser feito através da compostagem.

Em 100% das áreas de criação as instalações são do tipo “chiqueiro” e 77,78% delas apresentam apenas uma instalação única, o que é justificado por que a maior parte dos criadores é de pequenos produtores. O piso é encimentado em 100% das instalações, sendo 77,77% delas cobertas por telha cerâmica e 88,88% possuem paredes em alvenaria.

A idade média de monta das fêmeas é de 6,56 meses e dos machos é de 7,83 meses, pois é nessa época que eles atingem a maturidade sexual. As matrizes parem em média 26 leitões por ano, sendo estes desmamados com uma média de 50 dias e castrados em média aos 41,1 dias.

CONCLUSÃO

Para que a suinocultura consiga se desenvolver no Estado da Paraíba, assim também como na região Nordeste, é necessário que haja um grande incentivo por parte das autoridades locais em conjunto com uma forte campanha de conscientização dos produtores, a

fim de torná-los capazes de efetuarem um correto manejo da produção. O que consequentemente, acarretará num produto de melhor qualidade agregando valor para ele e desmistificando algumas crenças populares a respeito da carne suína.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIEPCS – **Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína**. Estatística, 2006. Disponível em: <http://www.abiepcs.com.br>. Acessado em: 15/03/2008.

GARCIA, D.C.; MARKUS, H.V.; SILVA NETO, B.; BASSO, D. Potencialidades dos sistemas de criação de suínos de ciclo completo na região de Três Passos – RS. **Revista Brasileira de Agrociência**, v.5, nº. 1, 38-41, janeiro-abril, 1999. Disponível em: <http://www.ufpel.tche.br/faem/agrociencia/v5n1/artigo09.pdf>. Acessado em: 15/03/2008.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo agropecuário de 2006. **Sistema IBGE de recuperação de dados – SIDRA**. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/pecua/default.asp?z=t&o=21&i=P>. Acessado em: 15/03/2008.

MIOR, L.C. Agricultura familiar, agroindústria e desenvolvimento territorial. **Colóquio Internacional de Desenvolvimento Rural Sustentável**. Florianópolis, 22 a 25 de agosto de 2007. Disponível em: http://www.cidts.ufsc.br/articles/Artrigo_Coloquio_%20- Mior.pdf. Acessado em 15/03/2008.

PERDOMO, C.C.; LIMA, G.J.M.M.; SCOLARI, T.M.G. Dejetos de suinocultura. **Ambiente Brasil**. Disponível em: http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./agropecuario/index.html&conteudo=./agropecuario/dejetos_suino.html. Acessado em: 15/03/2008.

TALAMINI, D.J.D.; MARTINS, F.M.; ARBOIT, C.; WOLOZSYN, N. Produção integrada de suínos nas fases de leitões e de terminação. Parte I: Custos agregados. In: **CONGRESSO DE ADMINISTRAÇÃO RURAL**, 2., Curitiba. *Anais...* Curitiba:ABAR, 2006.

WILKINSON, J. Mercosul e produção familiar: abordagens teóricas e estratégias alternativas. **Estudos Sociedade e Agricultura**. nº 8, 1997, p. 25-50.